XII JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA
EVENTO ON-LINE
18 A 21 DE OUTUBRO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

# DESERTO: CRONÓTOPO DA GUERRA BIOPOLÍTICA

**GABRIEL SORNAT[1,2]*, FÁBIO FELTRIN DE SOUZA[2,3]**

## 1 Introdução

A proposta inicial do projeto de Iniciação Científica para o qual fui convidado a participar, era fazer um estudo de base koselleckiana na relação espaço de experiência e horizonte de expectativa, visando o pampa argentino do século XIX e constituição do deserto a partir de campanhas militares de erradicação das populações autóctones.

O título original da pesquisa era "Deserto: Cronótopo da Guerra Biopolítica". Pensaríamos a constituição da paisagem desértica a partir das relações espaço-temporais socialmente construídas, isto é, a noção gumbrechtiana de cronótopo na sua relação direta com a dinâmica de guerra e devastação, portanto a conformação de uma paisagem desértica, um espaço anacrônico, e na gestão das populações indígenas e sua decorrente destruição, que configuraria assim, a noção Biopolítica. Buscaríamos então, qual era o espaço de experiência que necessitava ser fabricado, através de uma dinâmica de Guerra e portanto de devastação e desertificação de um dado espaço, o pampa, e de determinados corpos, os indígenas, para que se pudesse determinar um horizonte de expectativas, que seria a conformação do Estado-nação argentino.

Porém, houve um imprevisto. Surgiu para o grupo a existência de redes de investigadores na Argentina principalmente, mas também em outros lugares, que propunham uma retomada do vocábulo *genocídio* para entendermos as dinâmicas modernas de matanças massivas de população, destruição de vínculos constituídos, monopólio das possibilidades de violência e castigo e, fundamentalmente, destruição da identidade nacional das populações vitimadas em detrimento da imposição da identidade nacional do opressor.

1 Graduando da 6ª fase do curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Campus Erechim. Bolsista de Iniciação Científica EDITAL Nº 1010/GR/UFFS/2018. Contato: gabrielsornat@hotmail.com.

2 Grupo de Pesquisa: Silvia Maria Poletti, Gabriela Dalla Rosa, Carla Barros, Fábio Feltrin de Souza, Gabriel Sornat.

3 Doutor em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atua no curso de Licenciatura em História e no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Contato: fabio.feltrin81@gmail.com. **Coordenador.**

## 2 Objetivos

Os objetivos primordiais da pesquisa, foram a tentativa de elaborar um estudo pertinente que abarcasse o vasto manancial teórico-metodológico indicado por Reinhart Koselleck para que pudéssemos tentar compreender sob novos prismas a conformação do Estado-Nação Argentino em meados do século XIX, em segundo lugar, tentando também demonstrar de que forma o conceito de 'Espaço' koselleckiano não se encaixa de modo perfeito em um contexto não-europeu. A espacialidade da teoria de Koselleck, não daria conta de captar todo o intrincado complexo espacial argentino em seu contexto do século XIX.

## 3 Metodologia

O ponto de partida da pesquisa é bastante misto. Nos valemos de teorizações propostas por muitos intelectuais, como Michel Foucault e sua fundamental noção de Biopoder e Biopolítica; de capital importância nos foram os alemães Hans Ulrich Gumbrecht com sua proposição de criação social das relações espaço-temporais, isto é, o Cronótopo, juntamente com Reinhart Koselleck e suas elaborações sobre formação da modernidade enquanto demonstrativo conceitual expressando relações de espaço e tempo e criação específica destes.

Ao longo dos trabalhos, deparamos com a ideia de genocídio fundamentada por aqui, por dois grandes estudiosos que são do sociólogo argentino Daniel Feierstein e do historiador francês Bernard Bruneteau. Tal descoberta nos embocou em novos flancos de análise, e descobrimos então que Genocídio enquanto conceito e categoria de análise, é ainda um termo usada de forma bastante pudica nos textos de historiografia. A partir de tal "descoberta", nos dedicamos a aproximá-lo da noção fundamental de Necropolítica do camaronês Achille Mbembe, o que indicou-nos grandes caminhos a serem percorridos. Portanto o que houve, foi a proposição de uma ideia original que se tornou multifacetada com o correr dos trabalhos, a partir de consultas de bibliografias atualizada e, também, por meio da consulta de bibliografias de outras áreas como as Ciências Sociais que nos indicaram novos rumos.

## 4 Resultados e Discussão

Percebendo um campo pouco explorado por Historiadores nos estudos sobre Genocídio, afinal, num grupo de, pelo menos, uma dúzia de pesquisadores, apenas dois pertenciam à História enquanto disciplina, fizemos uma mudança de rota e passamos a concentrar nossa atenção aos estudos produzidos por este pessoal, que mormente pertence à Antropologia.

Descobriu-se um vasto conjunto já constituído de estudos que sustentavam o ocorrido no pampa argentino como *genocídio*. Um "*genocídio invisible"* como caracteriza Marcelo Valko.

Entretanto havia uma questão. Não é raro encontrar em textos de História e Historiografia o vocábulo *genocídio* para caracterizar um grande massacre ou coisas do tipo. Porém, é raro haver um texto de História ou Historiografia que indique metodologicamente o que seria *genocídio* enquanto uma categoria de análise disponível à pena e ao label de um Historiador. Esse foi o desvio realizado. Passamos a investigar a produção desses pesquisadores na tentativa de encontrar as bases de sustentação do *genocídio* enquanto categoria histórica e historiográfica.

São dois os autores fundamentais que sistematizam nossa pesquisa. O primeiro deles Bernard Bruneteau com o seu grande livro, *O Século dos Genocídios* de 2004 e o Sociólogo argentino Daniel Feierstein com sua vastíssima obra sobre o assunto, mais fundamentalmente, seu *Introducción a Los Estudios Sobre Genocídio* de 2016. Seriam estes, dois manuais sobre o assunto, digamos assim.

Existe, porém, uma questão entre estas duas obras. Bernard Bruneteau delimita com bastante precisão o que seria para ele a possibilidade de usar *genocídio* enquanto uma categoria de análise e pesquisa. Para ele, é necessária "uma utilização rigorosa do conceito de genocídio", afinal, haveria uma insistência na "especificidade no pensar e no fazer, podendo talvez tornar incerta a utilização do termo fora da "era dos extremos" contemporânea.

Esta rigidez no uso do conceito implica algumas considerações. Bruneteau acerta quando indica que deve-se ter "uma utilização rigorosa do conceito de genocídio". Acerta também ao indicar as especificidades do fazer e do pensar. Porém, fica um passo atrás em relação à proposta teórico-metodológica de Daniel Feierstein, quando este indica uma fluidez maior nos usos do conceito. Valendo lembrar, que tal fluidez não indicaria uma atomização do conceito. Mas sim, sua mundialização e, portanto, sua variação de acordo com contextos muito específicos. Por exemplo, o Centro de Estudios sobre Genocidio da UNTREF dirigido

por Daniel Feierstein, sustenta o perpetrado no pampa argentino do XIX como *genocídio*, um genocídio de 20 mil mortos mais ou menos. Bruneteau sustenta os casos da Armênia do começo do século XX (1,5 milhão de mortes) e Nazista (20 milhões de mortes) como *genocídios*. Isso parece demonstrar a variação de espaços e temporalidades em que tais fatos ocorrem. O que eles possuem em comum e que consensualmente os organizaria enquanto processos genocidários, seria um apelo ideológico bastante forte e em decorrência uma caracterização política, que implicaria na organização de tipologias de monopólio da violência e destruir de bases de sustentação da vida grupal.

O que existe, portanto, é a apropriação de uma categoria criada e aplicada uma realidade outra que não a da América do Sul. A grande contribuição de grupos como o já citado centro de estudos da UNTREF, que publica revistas sensacionais, e também a Red de Investigadores em Genocidio y Política Indígena em Argentina têm sido importar com consciência o conceito e partir dele, realizar novas do que aconteceu e do que acontece nas realidades sul-americanas, especialmente no caso argentino.

## 5 Conclusão

Ao fim e ao cabo, nossa pesquisa tem sido operada nessa grande biblioteca dos estudos sobre genocídio, tentando enveredar para a escrita de um artigo final que viabilize a sistematização do genocídio enquanto categoria disponível aos estudos em História, tendo como caso em estudo do Pampa argentino do século XIX e o genocídio das populações indígenas que ali habitavam.

Vale lembrar que uma característica fundamental, é que o genocídio enquanto a morte de uma massa populacional, não sendo necessária a morte ‘total’ de uma população. Para haver genocídio deve haver mortandade, entretanto, pode ser a dizimação de uma parcela populacional, permitindo que uma outra parte continue viva, porém, a despeito de regimento próprio. A normatização da vida do conjunto sobrevivente passa a estar nas mãos do opressor.

## Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008

BRUNETEAU, Bernard. **O século dos Genocídios:** violências, massacres e processos genocidários da Arménia ao Ruanda. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

CERVO, Amado Luiz, RAPOPORT, Mario (orgs.). **História do Cone Sul.** Rio de Janeiro: Revan; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra:** nova história da guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DORATIOTO, Francisco. **Espaços Nacionais na América Latina:** da utopia bolivariana à fragmentação. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FEIERSTEIN, Daniel. **Introducción a los estudios sobre genocidio.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica: Eduntref, 2016

FEIERSTEIN, Daniel. **Sobre conceptos, memorias e identidades: guerra, genocidio y/o terrorismo de Estado em Argentina.** Política y Sociedad, 2011, v.48, n.3.

HALPERÍN DONGHI, Tulio. **Proyecto y construcción de una nación 1846 – 1880.** Buenos Aires: Emecé Editores, 2007.

HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

JASMIN, Marcelo Gantus; JÚNIOR, João Feres (Org.). **História dos conceitos: debates e perspectivas.** Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Loyola: IUPERJ, 2006.

JASMIN, Marcelo Gantus; JÚNIOR, João Feres (Org.). **História dos conceitos: diálogos transatlânticos.** Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Loyola: IUPERJ, 2007.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo: estudos sobre História.** Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014.

MBEMBE, Achille. **Políticas da Inimizade.** Lisboa: Antígona, 2016.

**Palavras-chave:** Genocídio; Cronótopo.; Guerra; Deserto; Estado-Nação argentino.

**Financiamento:** UFFS.

**Número do registro no Sistema Prisma:** PES-2018-0899.